



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI – SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 8 DE AGOSTO, DE 2022 - 21H00

MASTERCLASS: FILMES QUE EU AMO – (entrada livre)

A MÁSCARA DO DEMÓNIO

Título original: La maschera del demónio

Realização: Mario Bava (Itália, 1960) *com legendas em espanhol

1. O CINEMA OLYMPIA



O texto que a seguir vão ler, relativo ao filme "A Máscara do Demónio", foi escrito e publicado no "Diário de Lisboa", a 24 de fevereiro de 1970. Refere-se a uma estreia no antigo Cinema Olympia, ali na Rua do Condes, na época uma sala muito popular, onde praticamente só se estreavam filmes de série B, quando não de série Z, aventuras, westerns, filmes de guerra, de terror, e por aí fora. A burguesia bem-pensante não frequentava salas como o Olympia, nesses anos 50, 60 e 70. Ali se reunia o "maralhal" das obras, em dia de folga (ou não), os desempregados, os "arrebentas", pessoal marginal e equivalentes.

Em tempos, a Câmara Municipal de Lisboa editou uns pequenos livrinhos, integrados numa

coleção a que chamou "Lisboa, Porta a Porta". Eram monografias sobre casas comerciais importantes da capital. Eu encarregava-me das salas de espetáculos e já tinham saído dois títulos, "São Luiz" e "Politeama", quando a coleção parou. Tinha já escrito igualmente o texto sobre o "Olympia", que nunca chegou a ser editado, de que a seguir se transcrevem algumas passagens:

"Olhando para esta sala não suspeitará decerto que este já foi um dos grandes cinemas de Lisboa do início do século XX. Na imprensa da época podia ler-se uma local referindo a abertura de uma nova sala de espetáculos em Lisboa, "composta de salões para concertos, salões para exposições animatográficas, gabinete de leitura, restaurante, etc.", ficando "esta casa de espetáculos como a primeira da capital." Foi assim na sua inauguração oficial, a 22 de abril de 1911.

Citando M. Félix Ribeiro: "A importância que o Olympia viria a assumir no quadro do espetáculo cinematográfico da Lisboa de então é das mais significativas, facto digno de destaque, por bem merecido. Sobretudo essa relevância torna-se francamente notória a partir de 1916 pelo dinamismo imprimido à sua exploração através das mais variadas e interessantes iniciativas em que o aspeto cultural, para além do critério meramente cinematográfico, embora por vezes, dele consequência direta, se apresentava, como dissemos, de significado muito especial, o que não se observava nas salas então suas concorrentes." Surgiram então iniciativas de cunho altamente cultural. A partir de dezembro de 1917, por exemplo, o Olympia passou a efetuar espetáculos de tarde, que intitulava "Matinéas de Arte", em que alguém do mundo do teatro ou do cinema português comentava um programa cinematográfico especialmente selecionado para o efeito. Por aí passaram nomes grandes, como Angela Pinto, Augusto de Melo, Etelvina Serra, Estevão Amarante, Joaquim Costa, Erico Braga, que "ali estiveram recitando, conversando com o público sobre teatro, interpretando diálogos como foi, por exemplo, o caso daquele que, propositadamente, Ruy Chianca - escritor e dramaturgo bem conhecido, cuja obra recente, a peça "Aljubarrota" havia alcançado grande êxito - escrevera com o título "O Leque".

M. Felix Ribeiro faz ainda referência a uma conferência de António Ferro, realizada a 1 de Junho de 1917, na respetiva "Matinée" de Arte", "As Grandes Trágicas do Silêncio", "que daria brado na calma Lisboa literária de então". A conferência começava assim: "Por iniciativa do Ex.mo Sr. O' Donnell, ilustre empresário deste animatógrafo, realiza-se hoje aqui uma "matinée" que tem principalmente a valorizá-la o seu completo ineditismo entre nós. Trata-se de consagrar pelo écran, pela palavra e pela música as três grandes trágicas do animatógrafo, Francesca Bertini, Pina Menichelli e Lyda Borelli. Talvez pelo grande

culto, pelo quase fanatismo que tenho há muito tempo por essas grandes artistas, eu fui amavelmente encarregado de as apresentar, numa curta conferência, ao numeroso público que me escuta.”

Durante a época do mudo, todas as grandes salas de estreia da capital dispunham de um conjunto musical que acompanhava o filme, através de uma partitura original, ou improvisada na altura, mas que preenchia igualmente os intervalos com música ao gosto da assistência. Os programas que anunciavam o filme não descuidavam o repertório musical que era também indicado atempadamente. Em 1912, Francisco Benetó, um músico considerado, dirigia o sexteto do cinema Olympia, o qual passaria, sucessivamente a ter na sua direção nomes como os de Francisco Remartinez, Nicolino Milano, etc.

A programação do Olympia nos anos de 1917 a 1918 achava-se estruturada da seguinte forma: às segundas e quartas-feiras, a partir das “matinéas”, estreia de novos programas; às quintas-feiras, sábados e domingos, exibição dos filmes de maior êxito. As “Matinéas” de Arte” tinham lugar às terças e sextas-feiras.

O Olympia sempre foi um cinema relativamente “popular” na sua frequência, por oposição a outros (São Luiz, Tivoli, Condes, Politeama, por exemplo), mas o mesmo não quer dizer que pela sua tela não tenham passado obras de indiscutível qualidade, de grandes nomes da cinematografia mundial. Acontece que a predominância eram obras de aventuras, dramas históricos ou comédias, o que arrastava como consequência um público mais popular, que se veio a manter, e a acentuar, com o evoluir das décadas.

Nos anos 50 e 60, o Olympia era um cinema essencialmente “popular”, com “peplums” italianos, “westerns” americanos, filmes de terror e fantásticos, de variada origem, policiais e “thrillers” para todos os gostos. Acontece que muito do cinema norte-americano de série B por lá se viu, um Orson Welles ou um Luís Buñuel podia ser lá inadvertidamente projetado, ao lado de nomes como Alan Dwan, Samuel Fuller, Raoul Walsh, Mario Bava, William Castle, Roger Corman e tantos outros.

O programa de cada sessão era sempre constituído por dois filmes (a chamada “sessão dupla”), e havia o hábito das sessões contínuas. O espectador podia entrar e sair quando quisesse, não havendo por isso lugares marcados. Não havia em teoria, porque na prática o público se encarregava de os “marcar” à sua maneira, quando saía para os intervalos, deixando um lenço amarrado às costas da sua cadeira, para assim ter a certeza de vir a encontrar o seu lugar disponível, quando do regresso do cigarrinho da praxe e do café bebido ao balcão de um bar que existia no “hall” do rés-do-chão.

Quatro andares compunham o prédio, o rés-do-chão e o primeiro andar ocupados pelo cinema (respetivamente plateia e balcão, com a cabina de projeção a poder ser vista do exterior do edifício). Pertencente ao mesmo proprietário do Teatro Politeama, permite estabelecer com este uma ligação interior, muitas vezes utilizada, como já referimos. Arquitetura sóbria, própria de finais do século XIX, inícios do XX, o edifício foi, todavia, muito alterado no seu interior, depois de uma bomba, dirigida à Casa de Moçambique (que se encontrava instalada no andar de cima), ter feito ir pelos ares quer a Casa de Moçambique (que se mudou definitivamente para outro local), quer o próprio cinema. O Olympia viria a ser radicalmente transformado por dentro, perdendo muitas das suas mais saborosas peculiaridades, nesse atentado do Verão quente de 75.

Depois de 1974, com a chegada dos filmes “porno” a Portugal, depois de abolida a censura, o Olympia especializou-se nesta área durante quase duas décadas. José Reis, que se encontrava no Olympia há mais de trinta anos, começou por ser um dos empregados desta sala, passando a sócio em 1984. Foi ele quem explicou a transformação da programação do cinema com as dificuldades encontradas em manter uma seleção de filmes populares, dentro do género de aventuras, como acontecia antes de 1974. Depois de alguns anos de uma certa prosperidade (mais de quinze ou vinte anos rendeu bem o filme pornográfico), também aqui a crise se instalou: “Hoje, com o vídeo e os canais de televisão a fazerem forte concorrência, os cinemas que se dedicam a este tipo de filmes estão definitivamente em crise, aguardando a morte anunciada. Perdemos mais de oitenta por cento do nosso público habitual. O que a bilheteira rende, dá apenas para pagar as despesas, e pouco mais.”

Filipe La Féria, que dirige o Teatro Politeama há algum tempo, tentou ficar com o Olympia, creio que em 2002, como segunda sala de teatro, o que chegou a ser noticiado. As intenções terão ficado por isso mesmo, intenções, o que é uma pena, pois tal como se encontra é apenas mais uma sala de espetáculos que desapareceu de Lisboa.

Claro que a geografia da exploração cinematográfica vai-se transformando com o andar do tempo. Em 1974, realizei uma curta-metragem, “Vamos ao Nimas”, onde procurava precisamente mostrar como este fenómeno ia acontecendo, então com o desaparecimento progressivo das salas populares, os “piolhos”, entre as quais se encontrava obviamente o Olympia de então. Desapareceram quase todas no centro da cidade e na periferia, e com elas alguns “costumes” muito curiosos. Os lenços a marcar as cadeiras no Olympia era um deles. Mas havia outros. Um exemplo mais. No edifício do imponente cinema Éden, nos Restauradores, existia um pequeno cinema, muito popular, chamado precisamente Restauradores. Situava-se mesmo na extremidade direita de quem estava virado para o Éden. Dava sessões contínuas com filmes de aventuras e um dia foi lá que vi “Labirinto Infernal” (La mort en ce jardin), de Luis Buñuel. Pois assisti no intervalo a um estranho acontecimento. Os espectadores saíam para o passeio frente ao cinema, para fumarem o seu cigarro, mas o porteiro, para controlar saídas e entradas, carimbava com tinta azul a palma das mãos dos que deixavam a sala e tinham de mostrar o carimbo à entrada. Este fenómeno já era estranho, mas mais invulgar ainda foi ver, cá fora, a malta a dar grandes apertos de mão

para assim multiplicarem as carimbadelas. Saía um ao intervalo, entravam dois ou três com o mesmo carimbo reproduzido. Ah, esta imaginação desenfreada!

Mas, voltando ao Olympia em 1970, a sala era popular, e compreendia-se que mais um filme de terror nela se estreasse. Este tipo de cinema só muito esporadicamente fugiu das salas populares para ascender até às plateias endinheiradas ditas de gostos mais sofisticados. Mas o filme de Mario Bava vinha precedido de grande fama, e um estúdio de Lisboa chegou mesmo a tentar desviar o título do Olympia sem sucesso. O texto que então escrevi refere todos estes episódios e por isso mesmo julgo conservar algum sabor temporal que vale a pena recuperar.

2. A MÁSCARA DO DEMÓNIO



Precedido de enorme expectativa, ansiosamente aguardado há anos (muitos), anunciado há meses (vários) para estreia no popular Olympia, depois pretendido para um estúdio (mas não cedido, porque contratos são contratos: há que respeitá-los), estreou-se finalmente "A Máscara do Demónio", filme fantástico (ou de terror, se preferirem), assinado por Mario Bava (em 1960), e que, hoje em dia, é considerado (um pouco por todo o lado) um clássico de género.

Muitos foram, portanto, os fanáticos deste tipo de cinema (e também do bom cinema) que se deslocaram ao Olympia. E ninguém saiu desiludido. "A Máscara do Demónio", dez anos depois da rodagem, afirma-se inequivocamente como um dos mais belos filmes fantásticos da história do cinema. Evidentemente que abaixo de "Nosferato", de Murnau, abaixo de "Frankenstein", de James Whale, abaixo de um "Caligari" (entre outros), que são obras-primas maiores não só do género, como de todo o cinema. Mas pel' "A Máscara do Demónio" perpassa, sem dúvida, a sombra de tão ilustres antecessores.

Esplendorosamente belo, de um requinte de composição plástica raras vezes atingido no cinema, "A Máscara do Demónio" é um filme que, só por si, impõe um realizador (Mario Bava) e o coloca no primeiro plano da cinematografia italiana.

Filho de um escultor famoso, Mario Bava nasceu em São Remo, em 1914. Estreia-se no cinema como operador, atingindo rapidamente um assinalável renome em obras de Monicelli, Soldati, Emmer, De Robertis, Camerini, Francisci, Freda, etc. Em 1959, fotografa e acaba q realização de "A Batalha de Maratona", de Jacques Tourneur. Em 1960 assina o seu primeiro filme, "A Máscara do Demónio". Daí em diante dirige algumas películas de terror e um ou outro peplum. Para além de "A Máscara do Demónio", os seus filmes mais conhecidos são "I Tre Volti della Paura" (ainda inédito entre nós); "Ragazza que Sapeva Troppo" (A Rapariga que Sabia Demais); e "Diabolic". Ultimamente foi contratado pela A. I. P. (produtor de Roger Corman e Jacques Tourneur) para dirigir alguns filmes fantásticos (um dos quais deverá ser "Planet of Blood").

Mario Bava declarou há tempos: "Não sou o que se chama propriamente um "metteur en scène"; o que eu talvez traga para os meus filmes é uma grande experiência de fotografia, de trucagens e de maneira de compor uma atmosfera".

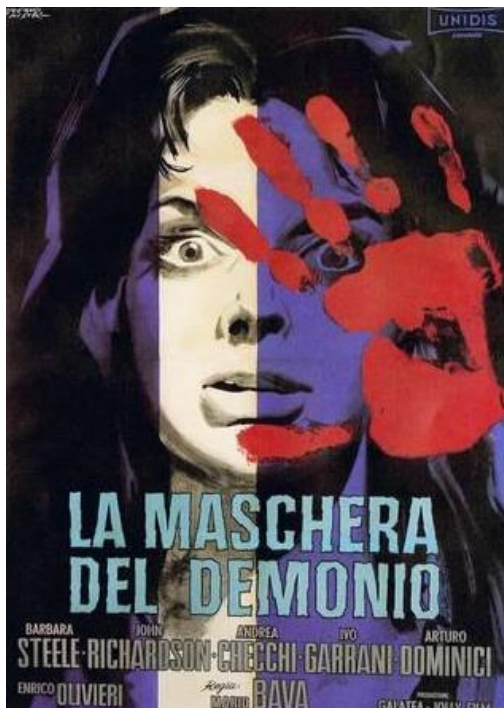
Cremos que muito fica explicado com esta citação de Mario Bava. Mas haverá que lhe acrescentar um domínio total da câmara, a leveza admirável dos seus movimentos, o requinte na escolha dos "décors" e a espantosa utilização dos espaços. Para além disso, é inegável a criação de uma atmosfera, de um clima profundamente inquietante, onde se processa o jogo do bem e do mal, irmanados em regras e amuletos que claro-escuro do preto-e-branco realçam numa fotografia de mestre. Há depois a lição (ou a herança)

de Murnau. Herança pesada, que Bava consegue atingir em dois ou três planos sublimes. Lembramo-nos, por exemplo, do trajecto de uma diligência fantasma e do plano em que o seu cocheiro vergasta os cavalos, recortado num céu de tempestade e terror; lembramo-nos por exemplo da tumba de Barbara Steele; do aparecimento medonho do seu amante, também ele crivado de cicatrizes que a máscara lhe definiu; lembramo-nos ainda desse plano único em que dois coros de mulher se transmutam à beira de um túmulo.

Verdadeiramente notável como obra cinematográfica, "A Máscara do Demónio" revela-nos também uma Barbara Steele inigualável, de uma sensualidade profunda, de uma ambiguidade desesperante. Encarnando duas figuras que dois séculos separam, Barbara Steele mantém o equívoco das relações bastando para tanto o seu rosto inquietante, os olhos enigmáticos ou um corpo belo, resfolegante de vida. De mãos crispadas que os séculos aguçaram, Barbara Steele arranha a pedra fria de um tumulto como só ela seria capaz de o fazer.

Do terror ao mistério, do onirismo ao amor, de um certo romantismo de situações ao melodrama da trágica vingança dos vampiros-amantes, "A Máscara do Demónio" é um filme a não perder. Que se arranje o leitor da melhor forma, mas terá de arranjar espaço e tempo para ir ao Olympia. "A Máscara do Demónio" espera por si. Faltar ao encontro poderia ser fatal. Tanto mais que os dentes dos vampiros andam sequiosos. O cinema não se perde: bebe-se.

In "Diário de Lisboa", de 24 de fevereiro de 1970.



A MÁSCARA DO DEMÓNIO

Título original: La maschera del demonio

Realização: Mario Bava (Itália, 1960); **Argumento:** Ennio De Concini, Mario Serandrei, Mario Bava, Marcello Coscia, Dino De Palma, segundo conto de Nikolay Gogol; **diálogos ingleses** de George Higgins; **Produção:** Massimo De Rita, Lou Rusoff, Samuel Z. Arkoff, James H. Nicholson, Lionello Santi; **Música:** Les Baxter, Roberto Nicolosi; **Fotografia (p/b):** Mario Bava; **Montagem:** Mario Serandrei; **Design de produção:** Giorgio Giovannini; **Decoração:** Nedo Azzini; **Guarda-roupa:** Tina Grani; **Direcção de Produção:** Paolo Mercuri; **Assistentes de realização:** Vana Caruso; **Som:** Robert Sherwood; **Efeitos especiais:** Eugenio Bava, Mario Bava; **Companhias de produção:** Galatea Film, Jolly Film; **Intérpretes:** Barbara Steele (Katia Vajda / Princesa Asa Vajda), John Richardson (Dr. Andrej Gorobec), Andrea Checchi (Dr. Choma Kruvajan), Ivo Garrani (Príncipe Vajda), Arturo Dominici (Igor Javutich), Enrico Olivieri (Príncipe Constantine Vajda), Antonio Pierfederici, Tino Bianchi, Clara Bindi, Mario Passante, Renato Terra, Germana Dominici, Peter Fernandez, George Gonneau, Joyce Gordon, etc. **Duração:** 87 minutos; **Distribuição em Portugal:** inexistente; **Distribuição internacional:** Layons (Espanha); **Classificação etária:** M/ 12 anos; original em italiano, com legendas em espanhol.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 15 DE AGOSTO, DE 2022

MASTERCLASS: FILMES QUE AMO II - 21H00 (entrada livre)

O MEU TIO

Título original: Mon oncle

Realização: Jacques Tati (França, 1958) | **Duração:** 116 minutos | **M/6**